

# **O trabalho com dicionários na formação continuada de professores de língua portuguesa: um outro olhar sobre a produção do conhecimento linguístico.**

Daiane Siveris

Submetido em 18 de dezembro de 2013.

Aceito para publicação em 29 de outubro de 2015.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 50, junho de 2015. p. 151-166

---

## **POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL**

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
  - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
  - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
  - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
- 

## **POLÍTICA DE ACESSO LIVRE**

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 15 de janeiro de 2016

23:59:59

# O TRABALHO COM DICIONÁRIOS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM OUTRO OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

## WORKING WITH DICTIONARIES IN CONTINUING EDUCATION OF TEACHERS OF PORTUGUESE LANGUAGE: ANOTHER LOOK AT THE PRODUCTION OF THE LINGUISTIC KNOWLEDGE

Daiane Siveris\*

**RESUMO:** *O artigo apresenta reflexões acerca da formação continuada de professores de uma rede municipal de ensino na qual buscamos desenvolver um trabalho com dicionários junto aos professores para que essa experiência pudesse tornar-se uma atividade possível de ser trabalhada em sala de aula de Língua Portuguesa. Esta experiência consistiu no uso do dicionário sob o viés discursivo, proporcionando aos professores rever algumas de suas concepções sobre esse instrumento, haja vista a carência de alguns alunos, seja em seu manuseio, seja em relação à concepção de dicionário, frequentemente concebido como objeto detentor da verdade, do sentido cristalizado.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *formação continuada; dicionário; sentidos.*

**ABSTRACT:** *The article presents reflections on the continuing education of teachers of a municipal school in which we sought to develop an activity with this group of teachers using the dictionaries so that this experience could become a practice to be used in the Portuguese Language classes. This experiment consisted in using the dictionary under the discursive bias, providing teachers to review some of their concepts about this instrument, given the students lack of habit in relation to using this linguistic tool, either on its handling, or in relation to the conception of a dictionary, that is, being usually taken as the object holder of the truth, with a crystallized meaning.*

**KEYWORDS:** *continuing education; dictionary; meanings.*

### 1. Prelúdio

As reflexões que por meio deste vimos apresentar são fruto do desenvolvimento de uma oficina junto a professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino da cidade de Santa Rosa, cidade esta situada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Essa oficina foi ministrada no período em que lecionávamos na rede de ensino do referido município, no decorrer de 2013, tendo como norte o trabalho com dicionários, haja vista nosso interesse pelo objeto e, também, a necessidade salientada pelos próprios alunos durante as aulas de Língua Portuguesa.

No presente trabalho, temos por objetivo explicar o desenvolvimento da oficina realizada, na tentativa de refletir, sob o viés materialista do discurso, sobre o uso que se

---

\* Doutoranda em Letras - estudos da linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; bolsista CNPq. E-mail: daiasiveris@gmail.com

faz do dicionário na sala de aula durante as aulas de Língua Portuguesa. Visamos, além disso, a explicitar a importância do dicionário enquanto instrumento linguístico e objeto histórico na produção do conhecimento sobre a língua, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental.

Buscamos explicitar alguns pontos em relação à Secretaria Municipal de Educação e Juventude para dar a conhecer as situações em que tal oficina foi pensada, estruturada e ministrada. Posteriormente, apresentaremos as reflexões sobre a materialidade dicionário e as condições de produção da oficina.

## **2. A proposta político-pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Juventude**

A partir do estudo da proposta político-pedagógica, formulada pela equipe de professores atuantes na Secretaria Municipal de Educação e Juventude, demos início à elaboração de nossa proposta de atividade da oficina, tendo como tema norteador os fundamentos da proposta político-pedagógica da rede municipal de ensino de Santa Rosa/RS, no período de 2013 a 2016, ou seja, a “Educação humanizadora para a vida”. A partir desse tema, que tem por finalidade pensar, articular, organizar, desenvolver e avaliar as práticas educativas, é possível construir, com a comunidade escolar, uma nova proposta de educação que leve em conta não somente conteúdos, mas também valores humanos, sociais. A temática possui cinco eixos norteadores do processo educacional: a) o conhecimento e a aprendizagem para a formação integral do aluno; b) a família comprometida com a educação; c) a escola para todos em tempo integral; d) o respeito à diversidade; e) a valorização dos profissionais da educação.

Em relação ao eixo *a*), conforme o Projeto Político-Pedagógico, o conceito de sujeito é entendido como sujeito de conhecimento, que precisa aprender a valorizar seus processos de construção, considerar os conteúdos e as suas ações, articular a teoria e a prática, bem como respeitar sua própria integralidade e individualidade, de forma afetiva e humanizadora. O conceito de educar, por sua vez, inserido nesse eixo, refere-se a acreditar na humanização, na capacidade de aprender e no desejo de saber. É acreditar que há coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, fatos) que podem ser aprendidas e que merecem sê-lo.

Em relação ao eixo *b*), segundo consta no Projeto mencionado, ou seja, a família comprometida com a educação, busca-se um trabalho que possibilite o diálogo pedagógico, no qual o papel do professor é problematizar e possibilitar situações de aprendizagem, de modo que os alunos possam ser os agentes de construção do seu conhecimento. Para isso acontecer, necessita-se estabelecer uma parceria entre a escola e a família. Sabe-se que os pais são a base emocional sobre a qual os valores são construídos. Por isso, a família é um suporte valioso para os professores. Essas duas instituições – escola e família – devem estar comprometidas mutuamente, buscando o desenvolvimento integral do aluno, de suas potencialidades, capacidades e especificidades como um todo, promovendo como centralidade o conhecimento e a aprendizagem. A relação bem consolidada entre família e escola efetiva-se com a qualificação dos pais, ou seja, através de formações promovidas pela escola e/ou pela mantenedora. Esse processo de formação dá-se através de pesquisa de temas e de troca de experiências, conforme a necessidade da comunidade escolar, oportunizando a todos ampliar as possibilidades que permitam um trabalho mais eficaz entre família e escola.

O eixo *c*), que trata da escola para todos em tempo integral, é outra proposta a ser implementada progressivamente nas escolas da rede municipal, de acordo com o que é estabelecido no Projeto. O objetivo principal é a formação de um cidadão agente e transformador do contexto em que vive, oferecendo atividades pedagógicas diversas em um ambiente acolhedor, que proporcione momentos de socialização, cultivando e estimulando a formação de bons hábitos e valores, acompanhando a realização de tarefas escolares, visando à melhoria do aprendizado escolar. Nessa perspectiva, contemplaria todos os alunos, no turno inverso ou integrado ao seu próprio turno, a realização de oficinas que possibilitariam o enriquecimento do universo de referências deles, aprofundando conhecimentos, vivenciando novas experiências, esclarecendo dúvidas, desenvolvendo atividades artísticas e esportivas.

Quanto ao eixo *d*), que trata do respeito à diversidade, o Projeto Político-Pedagógico traz que, no processo de escolarização, ainda há certo preconceito ao diferente, muitas vezes transformando-se em práticas de aversão, ódio, racismo, homofobia, entre outros. Com vistas a combater, ou ao menos amenizar, tais crenças e posturas, é importante firmar o propósito de tornar a presença da diversidade um desafio constante para o processo educativo, elencando-o como um dos eixos norteadores desse processo. Diante disso, é preciso reconhecer que a base da diversidade nasce da construção histórica, cultural e social das diferenças e que esta é forjada por sujeitos sociais em processos de adaptação ao meio social e no contexto das relações de poder. A busca por uma educação inclusiva abrange melhor qualidade de vida, com condições dignas de saúde, moradia, trabalho, estudo e lazer.

Faz-se necessário, para tanto, resgatar o sentido do valor igualdade entre os homens (embora saibamos que todos os sujeitos de uma sociedade são diferentes, desiguais. Talvez o ponto estaria em não homogeneizar nem mesmo as classes “ditas normais”, no caso de uma escola, por exemplo, pois a sociedade é constituída por sujeitos heterogêneos, diferentes no seu modo de ser, de pensar, de agir.)<sup>1</sup>. As famílias serão mais inclusivas<sup>2</sup> quando tiverem melhores condições de vida, de relacionamento interpessoal, de respeito às diferenças entre seus membros. A instituição escolar assume o compromisso de desenvolver uma postura ética, consciente e coerente das marcas da diversidade nas diferentes áreas do conhecimento e no currículo como um todo, nos processos de produção e de seleção do conhecimento nela traduzido.

Por fim, ainda em conformidade com o que postula o Projeto Político-Pedagógico da rede municipal de ensino, o eixo *e*) trata da valorização dos profissionais da educação e é um complemento importante na proposta do tema educação humanizadora para a vida. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, a valorização do profissional da educação escolar vincula-se à obrigatoriedade da garantia de qualidade, e ambas associam-se à exigência de Programas de Formação Inicial e Continuada, com qualidade de gestão, educativa, social, cultural, ética, estética e ambiental.

E é este o eixo sobre o qual versará nosso trabalho. Torna-se imprescindível, na perspectiva da Secretaria Municipal de Educação e Juventude, a efetivação de um programa de formação continuada que contemple a tematização de saberes e práticas

---

<sup>1</sup> Importante ressaltar que as considerações sobre igualdade presentes nesse excerto advêm da proposta da Secretaria da Educação (2013). Decidimos deixar nossas considerações entre parênteses para que o leitor possa compreender o lugar em que nos inscrevemos e em que inscrevemos nossas reflexões.

<sup>2</sup> Sobre a questão da inclusão, também é importante pensar na exclusão ao se incluir em classes ditas normais, mas isto já seria tema para outro trabalho.

dos docentes, no qual os professores não sejam tratados como meros técnicos, aplicadores de receitas elaboradas por especialistas, mas como sujeitos capazes de produzir conhecimento por meio de um processo permanente de reflexão sobre sua prática. Reconhece-se que uma formação nesses moldes precisa de um espaço garantido continuamente, uma vez que não acontece de uma hora para outra ou dentro de um tempo limitado.

Segundo a proposta da Secretaria de Educação, pautada nos cinco eixos anteriormente descritos, “pensar em educação humanizadora para a vida exige pensar em desafios, em sonhos e projetos. Precisa-se também ter clareza de que tipo de homem, de escola, de sociedade se pretende construir” (2013, p. 1). Para tanto, em busca dessa construção, os desafios da Secretaria Municipal de Educação e Juventude de Santa Rosa/RS são o de promover uma educação humanizadora para a vida, com qualidade<sup>3</sup>, visto que o conceito de humanização é construído socialmente e baseado em valores. Preparar o aluno para o exercício da cidadania, conforme explicitado na proposta mencionada, é uma das obrigações da escola, pois ela estará incentivando-o a ser mais atuante na sociedade.

Desse modo, para atingir os objetivos da proposta, a educação é organizada em torno de quatro aprendizagens<sup>4</sup> fundamentais para a vida do sujeito:

- “Aprender a conhecer” – adquirindo instrumentos de compreensão;
- “Aprender a fazer” – para poder agir sobre o meio que o envolve;
- “Aprender a viver juntos” – participando e cooperando com outros em todas as atividades humanas;
- “Aprender a ser” – como uma via essencial que integra as três precedentes.

A educação humanizadora, de que tanto se precisa, conforme a proposta, ensina a viver, a defender a vida, a assumi-la como tarefa, como projeto. Educar é ajudar cada estudante a conhecer-se, a valorizar-se e a empreender com honestidade o caminho da própria realização.

### **3. O dicionário: instrumento linguístico na produção do conhecimento**

Após a apresentação dos principais pontos norteadores da proposta político-pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Juventude, passamos a apresentar nossas considerações a respeito do dicionário, materialidade esta foco de nossa oficina realizada com os professores da rede municipal da cidade de Santa Rosa/RS, que, no trabalho que ora desenvolvemos, caracteriza-se como a formação continuada. Neste tópico, buscamos explanar o que compreendemos como dicionário, pensando a partir do viés discursivo, mas não excluindo o conceito tradicional de dicionário com que nos deparamos frequentemente.

O dicionário em sala de aula, especificamente no trabalho de professores de Língua Portuguesa junto a seus alunos<sup>5</sup>, é tomado, em geral, como um objeto de consulta ao léxico da língua, um objeto de consulta para o bem-escrever, para o uso de sinônimos considerados perfeitos, para a compreensão do sentido de determinada

<sup>3</sup> É pertinente mencionar, referente à qualidade, que, nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, a educação com qualidade social deve ser entendida como um direito humano.

<sup>4</sup> Baseadas no livro *Educação: um Tesouro a Descobrir*, de Jacques Delors.

<sup>5</sup> Ressaltamos que essa observação é, no presente contexto, específica para a Educação Básica.

palavra da Língua Portuguesa, no nosso caso em análise. Entretanto, muito além de configurar-se como um objeto normativo, o dicionário pode e deve ser tomado e compreendido de modo outro em sala de aula, um modo que possibilita a reflexão sobre os sentidos que aí estão postos e cristalizados, uma reflexão na busca por novos e outros sentidos, uma busca por questionamentos em relação ao que aparece no domínio do dicionário.

Assim, o intuito da oficina que realizamos foi justamente apresentar esse outro modo de poder trabalhar com o dicionário em sala de aula, questionando os saberes postos e determinados no dicionário, sem romper com os sentidos estabelecidos. É bom lembrar que nosso objetivo não é desconstruir totalmente os saberes cristalizados, mas possibilitar uma leitura outra que permita aos professores refletir sobre as práticas em sala de aula também sob o viés discursivo e, além disso, tornar possível aos alunos uma leitura crítica<sup>6</sup>, tanto em relação ao dicionário – o modo como ele é utilizado – quanto no que se refere aos sentidos das palavras presentes.

Buscamos, assim, explicitar aos professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino a(s) concepção(ões) de dicionário, a partir da teoria materialista do discurso, que permeiam nosso estudo desde a graduação, apresentando as possibilidades outras de trabalhar com esse instrumento linguístico de fundamental importância para a produção do conhecimento. Começamos por explicitar o que seria um instrumento linguístico.

A expressão “instrumento linguístico” advém de Auroux (1992), o qual afirma que o dicionário é resultante do processo de gramatização, que constitui a segunda revolução tecnológica nas Ciências da Linguagem. O processo de gramatização do qual fala o autor refere-se à produção de dicionários e de gramáticas das línguas existentes, tomando por base a tradição greco-latina. Além disso, o autor afirma que “por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário” (ibid., p. 65). Observa-se, a partir do que explicita o autor, que o dicionário é resultante de um processo de gramatização que busca descrever a língua; têm-se gramáticas e dicionários que descrevem a Língua Portuguesa, por exemplo. E é daí que advém uma das possibilidades de tomar-se o dicionário como objeto normativo, muito frequente em salas de aula, pois não se questiona com frequência um instrumento linguístico que traz saberes próprios de uma língua. Entretanto, aí reside o olhar unilateral, o fato de não se questionar, de não se pensar por que o dicionário é assim e não de outro modo, por que a definição de dado verbete é x e não y, por que somente x aparece e y não, mas ambos convivem na língua falada.

Ademais, não podemos esquecer que o instrumento linguístico representa a relação dos sujeitos falantes com a sua língua, atribuindo a esta uma realidade histórica e social e garantindo sua unidade imaginária, conforme afirma Orlandi (2002). Entende-se que o dicionário é também um objeto histórico que representa a relação do sujeito com sua língua de modo que se atenda à necessidade de dar unidade a essa língua.

Além de entendermos o dicionário como um instrumento linguístico e um objeto histórico, também o compreendemos como um discurso (ibid.). Segundo a autora, os dicionários são textos produzidos em certas condições e seu processo de produção está

---

<sup>6</sup> Esclarecemos que a leitura crítica em sala de aula não se restringe aos dicionários nem à teoria discursiva como modo único de realizar essa leitura. No entanto, destacamos que o viés discursivo é uma das possibilidades.

vinculado ao imaginário que temos da língua a ser dicionarizada, normatizada. Orlandi (2002) afirma, ainda, que, muitas vezes, o dicionário é tomado como o espaço que contém todas as palavras de uma língua, entendido como o lugar da completude. Essa completude pode dar-se por meio de exemplos de autores consagrados, bem como através da remissão de um verbete a outros verbetes. Quando o dicionário é tomado como o lugar da completude, é esquecida, de certa forma, a relação que se estabelece entre o sujeito e a sua língua, embora se saiba que a própria elaboração/produção de um dicionário dá-se nessa relação. Pode não haver uma memória que faça ressoar determinados sentidos postos no dicionário, isso talvez porque a história pela qual se deu a constituição do sujeito leitor não seja a mesma que ecoa no instrumento linguístico e do qual emergem os sentidos.

Silva (2003, p.110), por sua vez, ressalta que o dicionário de Língua Portuguesa, por exemplo, é um objeto de representação da nacionalidade, na medida em que “legitima uma língua nacional, ao registrar as formas, os usos e os sentidos”. O sujeito tem o imaginário de que o dicionário é o espaço em que se pode reunir e conter todos os sentidos possíveis de uma língua. No entanto, esse é apenas um efeito de completude (ORLANDI, 2002), uma ilusão necessária ao sujeito para que este possa constituir-se enquanto tal na relação com a sua língua.

Na medida em que se tem o “efeito da completude da representação da língua” (ibid., p. 103) no dicionário, esse instrumento linguístico é tomado, muitas vezes, como um objeto normativo, um espaço sem falhas, sem faltas, sem equívocos; o “espaço imaginário da certitude, sustentado pela acumulação e pela repetição” (NUNES, 2006, p. 11); é o lugar do saber instituído, imutável. No entanto, o dicionário também pode ser visto como um espaço lacunar, com falhas e faltas, um lugar em que o instituído, o já-lá, pode ser alterado e mudado quando a língua estiver em funcionamento.

Quando o dicionário é abordado como o lugar dos saberes instituídos, prontos, já dados, um lugar de certezas sobre a língua, sem espaço para o sentido outro, ele caracteriza-se por ser um objeto normativo que

divide o real da língua para compor sua unidade que, no caso da língua portuguesa, é a unidade de língua de Estado, de língua nacional. Língua esta dividida pelo fato da colonização, o que faz com que a história da lexicografia no Brasil compreenda obras da lexicografia lusitana, e com que nas obras brasileiras o dizer sobre a língua seja determinado pela relação com Portugal (OLIVEIRA, 2006, p. 18).

Nunes (2006, p. 18), ao tratar o dicionário como discurso, afirma que este tem uma história, “ele constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente constituídos”. O dicionário é o espaço de circulação de sentidos outros, um lugar em que se dá a relação língua-sujeito-história. Na perspectiva materialista do discurso, sujeito e sentido constituem-se simultaneamente; logo, no dicionário, os sentidos também são tomados na relação indissociável com os sujeitos e com a história.

Ao trabalhar sob a perspectiva teórica da História das Ideias Linguísticas<sup>7</sup> em articulação com a Análise do Discurso, Nunes (2006a) ressalta que o dicionário e também a gramática são vistos como “unidades textuais. Isso conduz a examinar o

---

<sup>7</sup> Ressaltamos que o trabalho que realizamos sob o viés materialista do discurso, mais especificamente a Análise do Discurso de linha pecheuxtiana, dialoga com a História das Ideias Linguísticas, especialmente no que concerne aos estudos realizados no Brasil sob essa perspectiva.

estatuto desta unidade, de um lado, na história do saber lingüístico e, de outro, enquanto indício de discursividades.” (p. 8). Ou seja, o dicionário é analisado como tendo um lugar na história do conhecimento lingüístico, bem como se constitui enquanto lugar de observação dos modos de produção de sentidos. Além disso, o autor aponta que o dicionário considerado como um instrumento lingüístico é uma “alteridade para o sujeito falante, alteridade que se torna uma injeção no processo de identificação nacional, educação e divulgação de dicionários” (NUNES, 2006, p. 43). O dicionário configura-se, assim, como um objeto simbólico exterior ao sujeito, o qual faz parte da relação que este sujeito mantém com sua língua.

Em suma, ao buscar explicitar as diferentes possibilidades de trabalhar-se com o dicionário de Língua Portuguesa em sala de aula, que não somente o instrumento lingüístico enquanto objeto normativo única e exclusivamente, têm-se as seguintes possibilidades:

- Instrumento lingüístico e objeto histórico que representa a relação do sujeito com sua língua, pensando que os lexicógrafos são, antes de qualquer outra coisa, sujeitos falantes da língua que buscam normatizar e instrumentar; logo, constituem-se na/pela história, determinando também os sentidos historicamente;
- Discurso, pensando que os dicionários são produzidos por determinados sujeitos (lexicógrafos e dicionaristas) em determinadas conjunturas sociais e históricas, e como lugar de circulação de sentidos sempre outros;
- Objeto que representa a nacionalidade, pensando na legitimação da língua a ser dicionarizada, bem como no efeito de completude; entretanto, não como perspectiva única, mas como possibilidade de questionamentos, de desconstrução do já posto, do já-lá, do cristalizado.

#### **4. As condições de produção da oficina**

Apresentada a proposta político-pedagógica, ou seja, o modo como a Secretaria Municipal de Educação e Juventude visa a preparar sua comunidade escolar, bem como as diferentes possibilidades de compreender-se o dicionário, explanamos as condições de produção da oficina intitulada *O uso de dicionários*. À luz da teoria materialista do discurso, mais especificamente de linha pecheuxtiana, apresentamos o que corresponde às condições de produção.

Partindo da concepção de Pêcheux (1997, p. 78), condições de produção correspondem “ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso” em meio ao funcionamento dos fenômenos lingüísticos. O autor destaca que esse funcionamento não é apenas lingüístico, mas também sócio-histórico e ideológico, tendo em vista que “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (Ibid., p. 79). Entende-se que as condições de produção colocam em relação os sujeitos, a língua e a história e tomam a exterioridade como ponto fundamental para pensar o processo histórico de constituição do discurso.

Segundo Orlandi (2005, p. 30), as condições de produção “compreendem os sujeitos e a situação”. A autora considera duas formas de condições de produção: as de sentido amplo e as de sentido estrito. Referente ao sentido amplo, temos o contexto sócio-histórico e ideológico que perpassa o discurso. No nosso caso em explanação, o



contexto no sentido amplo é a formação continuada de professores de Língua Portuguesa proporcionada pela Secretaria Municipal de Educação e Juventude, que visa ao desenvolvimento da proposta que tem como norte a educação humanizadora para a vida. Diz respeito também ao jogo de imagens entre os professores e seus “formadores”, sócio-historicamente construído. No sentido estrito, por sua vez, consideramos as circunstâncias da enunciação, isto é, quem é o sujeito professor ministrante da oficina, qual a imagem (imaginário) que ele tem dos demais professores da rede, qual a imagem (imaginário) que os professores da rede fazem/têm dele e como se dá essa posição-sujeito de professor/sujeito em formação contínua da rede que naquele momento assume outra posição-sujeito, qual seja, a de palestrante/responsável pela oficina e por compartilhar com os demais colegas algum conhecimento que possa ser importante e motivador no desenvolvimento em sala de aula.

Ao realizarmos a oficina junto aos professores colegas da rede municipal de ensino, buscamos levar em conta que as condições de produção referem-se

à circunstância, a algo que resulta de determinada “situação”, algo que não nos dá liberdade de escolha: a condição se impõe e se aceita, ela já está dada, essa é a sua propriedade essencial. A condição é anterior à produção, ela determina a constituição do produto, pois interfere no processo mesmo de produção (PETRI, 2004, p. 157).

Compreende-se que as condições de produção não deram “liberdade de escolha”, elas estavam determinadas e determinaram também os sentidos possíveis – os sentidos que se mantiveram, os que foram atualizados e os que foram silenciados. Nortearam, conseqüentemente, a posição-sujeito frente aos professores de Língua Portuguesa da rede municipal.

O fato de ser professor recém-mestre e assumir um lugar de palestrante/oficineiro (e ser também colega dos demais professores ali presentes) desloca-nos do lugar da estabilidade para um lugar de desconforto, pois, ao mesmo tempo em que se busca levar a teoria e relacioná-la à prática, sabe-se da dificuldade que se torna esse diálogo, uma vez que discursos já cristalizados na instância escolar, seja ela pública ou privada, remetem a teoria ao lugar da academia. Além disso, esse diálogo na escola torna-se, por vezes, difícil (e, diríamos, quase inexistente) devido à falta de tempo em função da quantidade de alunos em sala de aula ser muito superior à capacidade de atendimento do professor. O que, nesses discursos já postos e dados como verdade única, se percebe é que o conhecimento como processo (e pensando na formação continuada de professores como parte de um processo de construção do conhecimento) acaba ficando para um segundo plano; o interesse é pouco, as discussões teóricas, limitadas e os relatos e desabafos, muitos.

Ademais, é desafiador para um professor recém-nomeado<sup>8</sup> assumir uma posição de palestrante frente aos colegas que possuem mais de vinte anos de sala de aula. Entretanto, ao mesmo tempo em que é um lugar de desafio, é também um lugar

---

<sup>8</sup> Conseqüentemente, um professor que passa a integrar uma equipe que recebe formação continuada (esta pensada como atividades trabalhadas em oficinas, palestras e cursos em um grupo restrito que diz respeito aos professores da Prefeitura Municipal de Santa Rosa/RS) quinzenalmente, de modo que todos os professores possam compartilhar seus conhecimentos. Assim, ao mesmo tempo em que nos constituímos como sujeito professor recém-nomeado, também passamos a constituir-nos como sujeito professor em formação contínua.

confortável<sup>9</sup>, pois buscamos levar aos professores da rede municipal nossa experiência enquanto analista de discurso em formação, na tentativa de mostrar que não há fórmulas corretas ou incorretas, trabalhos certos ou errados realizados pelos professores<sup>10</sup>, mas, sim, modos diferentes de trabalhar-se determinado assunto ou abordar-se determinado objeto.

## 5. A oficina: preocupação com as possibilidades outras

O desenvolvimento da oficina ocorreu a partir do convite recebido da equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Juventude do município de Santa Rosa/RS e após o diálogo que se estabeleceu entre nós. A preocupação inicial era o que levar de diferente aos professores que atuam há muitos anos na rede municipal e certamente têm muita experiência para poder contribuir, mesmo que minimamente, com a formação desses professores. O que ainda há para ensinar-lhes e o que eles ainda têm a aprender? Pautados nesses questionamentos (e, por que não dizer, preocupações) elaboramos nossa proposta para a oficina.

Nossos procedimentos metodológicos pautaram-se em trabalho anteriormente realizado em escolas públicas e privadas de Santa Maria/RS, durante o qual buscamos trabalhar com dicionários também de modo diferente, que não fosse o normativo, com alunos de diferentes escolas. Esse trabalho foi realizado durante o período em que integramos os projetos de ensino, de pesquisa e de extensão da professora Verli Petri na Universidade Federal de Santa Maria-RS, instituição esta em que realizamos o Curso de Graduação em Letras e o Mestrado na mesma área.

Durante a oficina, buscamos inicialmente sondar os professores a respeito do conceito de dicionário. Em geral, o que se observou, no diálogo estabelecido, foi o fato de a imagem que se tem dos dicionários ser justamente o que os analistas de discurso buscam desconstruir: o objeto normativo que é utilizado somente para consultar sinônimos, a classe gramatical, a escrita, enfim, questões voltadas para a normatização da Língua Portuguesa. São atividades voltadas para esse fim que os professores desenvolvem em sala de aula com os alunos, independentemente da série escolar. Ouvimos os relatos de experiência do grupo de professores sem interferir, sem questioná-los sobre a sua prática, sobre o modo de abordar o dicionário em sala de aula, e as discussões por eles apresentadas giravam em torno do trabalho sobre a língua, sobre a estrutura da língua, sobre questões morfológicas e de ortografia em geral. O trabalho com a sinonímia, segundo o relato dos docentes, restringia-se a palavras, a listas de termos fora de contexto, soltas. Alguns professores, inclusive, ao relatarem, perguntaram a respeito de suas práticas, se o modo como estavam abordando o dicionário era correto ou não, como se fosse necessário dizer se está certa ou errada a sua prática. Observamos uma necessidade, por parte dos professores, de uma aprovação ou não, de um certo ou errado referente à sua docência. Entretanto, nosso foco não era

---

<sup>9</sup> Destacamos que a contradição, na linha teórica a que nos filiamos, não é de negatividade, de exclusão, mas constitutiva do processo e do sujeito, por isso falamos ao mesmo tempo de lugar de desafio e lugar de conforto.

<sup>10</sup> Na sequência, ao descrever os procedimentos metodológicos da realização da oficina, poder-se-á observar a preocupação dos professores em saber se o modo como trabalham em sala de aula é *certo* ou *errado*.

trabalhar com certo/errado, correto/incorreto, adequado/inadequado, mas com as múltiplas possibilidades de enfatizar um objeto de estudo.

Após discutir e partilhar com os demais professores as diferentes práticas, apresentamos o que entendemos por dicionário sob a perspectiva discursiva, conforme já explicitado no tópico anterior, intitulado *O dicionário: instrumento linguístico na produção do conhecimento*. Após essa apresentação, passamos à parte prática da oficina, ou seja, a formação de grupos e o trabalho com/sobre os verbetes.

Conforme já afirmamos, nossa metodologia pautou-se em trabalho anterior<sup>11</sup> realizado com alunos de diferentes séries em escolas públicas e privadas na cidade de Santa Maria/RS. Partindo dessa metodologia, selecionamos, para a oficina de formação de professores, duas palavras para desenvolver as reflexões: “educação” e “humanizar”, ambas presentes no tema da proposta da Secretaria Municipal de Educação e Juventude, qual seja, “Educação humanizadora para a vida”.

Para a formação dos grupos, utilizamos duas cores de papel, cada uma delas correspondendo a uma das palavras. Cada bilhete era constituído por letras, sílabas ou dicas, conforme separadas nos quadros abaixo, de modo que, após reunir o grupo de acordo com as respectivas cores, pudessem formar a palavra que, posteriormente, seria definida e exemplificada pelos respectivos grupos. Assim, o grupo que recebeu os papezinhos azuis, correspondentes à palavra “educação”, contou com as seguintes dicas:

E	A palavra não termina por consoante.
DU	A palavra intercala, até a 6ª letra, uma consoante e uma vogal, não necessariamente nessa ordem.
CA	A palavra possui 4 sílabas.
ÇÃO	

Cada um desses quadros, cada uma dessas dicas, estava isolado em um dos papéis. Após reunir o grupo, a partir das cores, os professores deveriam descobrir qual era a palavra, por meio das dicas.

Outro grupo, o dos papezinhos verdes, recebeu, da mesma forma, sílabas e dicas para descobrir qual a palavra a ser formada:

HU	A palavra inicia por consoante.
MA	A letra N localiza-se exatamente no meio da palavra.

<sup>11</sup> Essas experiências estão reunidas em forma de livro e podem ser encontradas em: PETRI, Verli. *Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. Santa Maria: PPGL-UFSM, 2010.

NI	A palavra possui 4 sílabas.
ZAR	

Do mesmo modo como o anterior, o grupo dos papéis verdes deveria descobrir qual era a palavra a partir das dicas que receberam.

Formados os grupos e decifradas as palavras, nossa sugestão foi de que cada grupo definisse a seu modo o que para eles significava aquela palavra. As definições foram diversas, tanto para o verbete educação, quanto para o verbete humanizar.

Ao verbete “educação” foram atribuídos os seguintes sentidos:

1. ensino
2. respeito
3. desenvolvimento de capacidades
4. civilidade
5. aperfeiçoamento
6. processo de transmissão de conhecimento

Para o verbete “humanizar” foram definidos os seguintes sentidos:

1. tornar humano
2. condição de homem como ser racional
3. socializar
4. civilizar

Uma vez definidos os verbetes pelos professores, foram distribuídos dicionários para cada um dos grupos de modo que pudessem observar a semelhança/diferença de sentidos entre o que eles haviam definido e aquilo que está no dicionário, sem se preocupar com o certo/errado do que haviam definido, mas para observar as diferentes possibilidades existentes, pois nem sempre está no dicionário tudo o que definimos para determinado verbete. Quanto às palavras dadas, observou-se, em relação aos sentidos atribuídos pelos grupos, que eram semelhantes aos que estão presentes em diferentes dicionários. No entanto, isso nem sempre acontece.

Eis algumas das definições que podemos encontrar nos dicionários, principalmente nos dicionários escolares a que os alunos em geral têm acesso, a respeito dos dois verbetes:

### ***Educação***

substantivo feminino

- 1** ato ou processo de educar(-se)
- 1.1** qualquer estágio desse processo  
Ex.: *e. infantil*
- 2** aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino
- 3** o conjunto desses métodos; pedagogia, instrução, ensino
- 4** desenvolvimento metódico de uma faculdade, de um sentido, de um órgão  
Ex.: *e. da memória, do paladar*
- 5** conhecimento e observação dos costumes da vida social; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia
- 6** adestramento de animais
- 7** aclimação de plantas<sup>12</sup>

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

s. f. || ação e efeito de educar, de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais da criança e em geral do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino. || Conjunto de dotes intelectuais, das prendas ou artes manuais e das qualidades morais que em cada indivíduo se desenvolvem pelo estudo e aplicação; fim particular desse ensino e estudo: *Educação* musical, profissional. Na presente compilação entram quase todos os artigos pelo Autor publicados sobre assuntos coloniais ou de *educação* colonial. (Agost. de Campos, Fé no Império, p. 5, ed. 1935.) || Conhecimento e prática dos usos da sociedade; civilidade, delicadeza: É pessoa de muita *educação*. || Casa de educação, estabelecimento onde se admitem meninos ou meninas para se lhes dar instrução. || Arte de ensinar e adestrar os animais domésticos para os serviços que deles se exigem: A *educação* do cavalo. || A arte de cultivar as plantas e de as fazer reproduzir nas melhores condições possíveis para se auferirem delas bons resultados. F. lat. *Educatio*.

Dicionário Caldas Aulete

*sf (lat educatione)* **1** Ato ou efeito de educar. **2** Aperfeiçoamento das faculdades físicas intelectuais e morais do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino. **3** Processo pelo qual uma função se desenvolve e se aperfeiçoa pelo próprio exercício: *Educação musical, profissional* etc. **4** Formação consciente das novas gerações segundo os ideais de cultura de cada povo. **5** Civilidade. **6** Delicadeza. **7** Cortesia. **8** Arte de ensinar e adestrar os animais domésticos para os serviços que deles se exigem. **9** Arte de cultivar as plantas para se auferirem delas bons resultados. *E. física*: a que consiste em formar hábitos e atitudes que promovam o desenvolvimento harmonioso do corpo humano, mediante instrução sobre higiene corporal e mental e mediante vários e sistemáticos exercícios, esportes e jogos.<sup>13</sup>

Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa

<sup>12</sup> As marcações em itálico são do próprio dicionário; por isso optamos por deixá-las, tanto no verbete “educação”, quanto no verbete “humanizar”.

<sup>13</sup> Optamos por deixar as marcações em negrito também, conforme constavam no dicionário, em ambos os verbetes.

**Humanizar**

## Verbo

transitivo direto e pronominal

**1** tornar(-se) humano, dar ou adquirir condição humana; humanar(-se)Exs.: *a fábula humaniza os animais**segundo muitas religiões, Deus se humanizou na figura do Cristo*

transitivo direto e pronominal

**2** tornar(-se) benévolo, ameno, tolerável; humanar(-se)Exs.: *h. um trabalho**a cidade se humanizou com a criação de novos parques*

transitivo direto e pronominal

**3** tornar(-se) mais sociável, mais tratável; civilizar(-se), socializar(-se)Exs.: *h. um selvagem**ele se humanizou na convivência de seus novos amigos*

transitivo direto

**4** Regionalismo: Ceará.

amansar (animais); domar

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

v. tr. O mesmo que *humanar*. || (Fig.) Civilizar: *Humanizar o bárbaro*. (Montalverne.) || (Bras., Ceará) Amansar (animais). || -, v. *pr.* humanar-se: Este senso precoce tem a intuição exata de que o pragmatismo é a matéria necessária das ideias levantadas que precisam de corporizar-se para *se humanizarem*. (Antero de Figueiredo, *D. Sebastião*, c. 7, p. 95, ed. 1924.). *Humano*

## Humanar:

v. tr. || tornar humano, reduzir ao estado e condição do homem; dar a feição humana a; humanizar. || -, v. *pr.* tornar-se humano o que era divino (falando de Cristo). || Impor a si mesmo as condições humanas; sujeitar-se às provações humanas: A república *humanava-se*. (Lat. Coelho.) || Tornar-se lhano e afável; mostrar-se caridoso e sensível; compadecer-se. F. *Humano*.

Dicionário Caldas Aulete

**humanizar**

hu.ma.ni.zar

**(humano+izar) vtd e vpr V humanar.**

## Humanar:

**humanar**

hu.ma.nar

**(humano+ar<sup>2</sup>) vtd 1** Tornar humano, tornar benévolo, tornar afável, dar a condição de homem a. **vpr 2** Tornar-se humano, afável; humanizar-se. **Vtd 3** Civilizar. **Var:** *humanizar*.

Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa

Depois de observadas, lidas e explicitadas essas definições dos diferentes dicionários pelos grupos, os professores estabeleceram comparações entre aquilo que tinham definido e aquilo que constava nos instrumentos linguísticos. Questionamentos também surgiram, dentre eles há um, em especial, que gostaríamos de destacar: como o

verbo “humanizar” pode ser definido como “tornar humano” se o homem já é humano?

Foi sobre essa pergunta que nos detivemos grande parte do tempo da oficina, pois foi muito pertinente, e a discussão, produtiva. Ao debater o assunto, os grupos explicitaram que é necessário compreender que o sentido de “tornar humano” não está preso à língua, não é restrito ao âmbito linguístico, à estrutura, mas determinado pelo contexto sócio-histórico e ideológico em que se encontram os sujeitos (pais, alunos, professores). Como o foco do trabalho também é a família, comprometida com a instância escolar, a proposta político-pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Juventude busca desenvolver, junto aos familiares dos alunos da rede municipal de ensino, um trabalho de humanização no sentido de educar para melhorar a condição familiar, contribuindo na superação de diferentes problemas (sejam de exploração<sup>14</sup>, de negligência etc.)<sup>15</sup>, que são também problemas sociais. É em busca de “civilizar” o sujeito e de socializá-lo que a Secretaria trabalha, de modo que sua relação torne-se algo saudável, benévolo, de ajuda mútua, de proteção em relação aos filhos.

Sobre os diferentes sentidos presentes nas discussões, seja na definição dos docentes, seja na definição dos dicionários, ponto importante a destacar, a partir do qual podemos afirmar que nossa oficina atingiu seus objetivos, é o fato de que alguns professores chegaram à conclusão de que nem tudo o que tinham elencado constava no dicionário. Outros afirmaram que nem tudo o que está no dicionário pode ser empregado para definir educação humanizadora, pois essa definição dependeria do contexto em que essas palavras apareceriam.

Com isso, acreditamos que nossa oficina tenha alcançado seu propósito, pois era justamente este: levar os professores a compreender que muitos são os sentidos possíveis, mas, conforme as condições de produção e as formações discursivas em que se encontra determinado verbo, nem todos são permitidos/possibilitados. Embora a oficina tenha sido bastante restrita à discussão sobre os verbetes, acreditamos que o conceito de dicionário que apresentamos foi importante para explicitar aos professores que ele é um objeto de consulta fundamental no processo de ensino-aprendizagem, mas que, mesmo assim, pode ser questionado, pois não podemos esquecer que os instrumentos linguísticos são feitos por sujeitos e para sujeitos, e a língua está sempre em funcionamento, sentidos novos estão sendo produzidos constantemente.

## **6. Costurando o texto: considerações gerais**

Durante o desenvolvimento deste trabalho, em forma de oficina, na rede municipal de ensino na cidade de Santa Rosa/RS, pudemos compreender a importância de partilhar conhecimentos, mínimos que sejam. São as práticas diárias em salas de aula que nos fazem refletir sobre as possibilidades outras de trabalhar-se determinado tema. Além disso, é importante, enquanto professores, pensar na linha teórica a que nos

---

<sup>14</sup> Relatos dos professores participantes da oficina mostraram que a exploração sexual infantil, bem como o abuso de crianças/adolescentes pelos próprios familiares, é um exemplo de que o homem não é um ser humanizado, mas que age como um animal; portanto, na visão do grupo de docentes, é necessário torná-lo humano, ressocializá-lo, e, para isso, necessita de acompanhamento para que possa civilizar-se e estar inserido, enquanto ser humano, sujeito pensante e que raciocina, na comunidade em que se encontra.

<sup>15</sup> Citamos somente esses exemplos, pois, dentre os vários citados, foram os mais discutidos e apontados pelos professores como principais fontes dos problemas que os alunos vêm apresentando nas escolas.

filiamos e a partir da qual realizamos nossos planos de aula. Embora, no senso comum, a teoria esteja bastante distante da prática, a prática é permeada de saberes advindos de algum lugar, seja este lugar o nosso momento de formação enquanto docentes, seja ele fruto da prática, das tentativas que deram certo e das tentativas frustradas.

A perspectiva teórica à qual nos filiamos permite-nos trabalhar com os alunos as diferentes possibilidades e situações em sala de aula. Isso não significa que tudo é possível, conforme vimos nos próprios comentários dos professores participantes da oficina. Entretanto, é fundamental notar que é possível e necessário desenvolver nos alunos um senso crítico, formar sujeitos que questionam, que perguntam, que tecem possibilidades, tentativas, como forma de chamá-los a participar das aulas de modo dinâmico e desafiador. Acreditamos, por fim, que este seja o caminho: envolver os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- CALDAS AULETE, Francisco Julio. *Dicionário Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.
- \_\_\_\_\_. Projeto Documentação linguística: arquivo, instrumentação, divulgação. In: *Trabalhos de Análise de Discurso*. Nº 3. São José do Rio Preto: IBILCE/UNESP, 2006a.
- OLIVEIRA, Sheila Elias de. *Cidadania: história e política de uma palavra*. Campinas: Pontes, RG, 2006.
- ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6 ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD – 69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Trad. Bethania Mariani et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.
- PETRI, Verli. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Ciro Martins*. 2004. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. Santa Maria: PPGL-UFSM, 2010.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E JUVENTUDE. *Proposta política pedagógica da rede municipal de ensino (2013 – 2016)*. Santa Rosa/RS.



SILVA, Mariza Vieira. Instrumentos linguísticos: língua e memória. In: *Letras*. Nº 27. Santa Maria: PPGL-UFSM, 2003.